

Como era aquele meme mesmo? Uma análise do espírito de nossa época através dos memes que se produzem

What was that meme really like? An analysis of the spirit of our time through memes that take place

¿Cómo fue ese meme realmente? Un análisis del espíritu de nuestro tiempo a través de los memes que se producen

Rodrigo Malcom de Barros Moon (España)²⁸, Dorival Campos Rossi (España)²⁹.

Resumo

Este artigo tem por objetivo elucidar o que se entende por memes. Primeiramente definiremos o paradigma da pandemia da COVID-19. Depois, analisaremos os memes por cinco eixos: etimológico, morfológico, conceitual, comunicacional e cultural, revelando estas imagens cínicas - com intuito de gerar humor - mas que portam em si uma complexidade inaudita enquanto tecnoimagem, o que permite expressar, para além da sintaxe das palavras e da circularidade da imagem, um conteúdo patológico que só agora pode ser enunciado, criando uma realidade patafísica e *nonsense*. Trazemos uma discussão sobre a memética enquanto epistemologia, elaborando uma base teórica que nos permita entender a real

- Fecha de recepción: 10/01/20
- Fecha de aceptación: 24/04/20

²⁸ Rodrigo Malcom de Barros Moon. Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC - da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Bauru - SP – Brasil. ORCID 0000-0001-5811-8659 Email: rodrigo.moon@unesp.br

²⁹ Dorival Campos Rossi. Professor e pesquisador do programa de pós graduação em Mídia e Tecnologia - PPGMIT - da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC - da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Bauru - SP Brasil 0000-0001-7145-792X Email: dorival.rossi@unesp.br

natureza dos memes. Através da análise de duas páginas no Instagram, @saquinhodelixo e @meltedvideos, colocaremos em prática tal epistemologia para analisar a produção e compartilhamento de memes pelo Instagram e como o imaginário coletivo que se expressa em contexto de pandemia do COVID-19 está presente no conteúdo dos memes, na tentativa de traçar um certo “diagnóstico” cultural. Por fim, concluímos que esta nova modalidade de comunicação permite pensar uma nova realidade que se expressará por memes, mas que exigirá que tenhamos controle sobre sua evolução desenfreada nas redes.

Palavras chave

Meme, Covid 19.

Abstract

This article aims to elucidate what is meant by memes. First, we will define the COVID-19 pandemic paradigm. Then, we will analyze memes along five axes: etymological, morphological, conceptual, communicational and cultural, revealing these cynical images - with the intention of generating humor - but which carry an unprecedented complexity as a technoimage, which allows us to express, in addition to syntax of the words and the circularity of the image, a pathological content that can only now be enunciated, creating a patafísica e nonsense reality. We bring a discussion about memetics as an epistemology, elaborating a theoretical basis that allows us to understand the real nature of memes. Through the analysis of two pages on Instagram, @saquinhodelixo and @meltedvideos, we will put this epistemology into practice to analyze the production and sharing of memes on

Instagram and how the collective imaginary that is expressed in the context of the COVID-19 pandemic is present in the content memes, in an attempt to trace a certain cultural “diagnosis”. Finally, we conclude that this new mode of communication allows us to think about a new reality that will be expressed through memes, but that will require that we have control over its unbridled evolution in the networks.

Keywords

Meme, Covid 19.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo dilucidar qué se entiende por memes. Primero, definiremos el paradigma de la pandemia de COVID-19. Luego, analizaremos los memes a lo largo de cinco ejes: etimológico, morfológico, conceptual, comunicacional y cultural, revelando estas imágenes cónicas -con la intención de generar humor- pero que conllevan una complejidad sin precedentes como tecnoimagen, que nos permite expresar, además de la sintaxis, de las palabras y la circularidad de la imagen, un contenido patológico que sólo ahora puede enunciarse, creando una realidad patafísica e disparatada. Traemos una discusión sobre la memética como epistemología, elaborando una base teórica que nos permita comprender la naturaleza real de los memes. A través del análisis de dos páginas en Instagram, @saquinhodelixo y @meltedvideos, pondremos en práctica esta epistemología para analizar la producción y el intercambio de memes en Instagram y cómo el imaginario colectivo que se expresa en el contexto de la

pandemia COVID-19 está presente en el contenido. memes, en un intento de rastrear un cierto “diagnóstico” cultural. Finalmente, concluimos que este nuevo modo de comunicación nos permite pensar en una nueva realidad que se expresará a través de los memes, pero que requerirá que tengamos control sobre su desenfrenada evolución en las redes.

Palabras clave

Meme, Covid 19.



Primera revista digital
en Iberoamérica
especializada en Comunicación



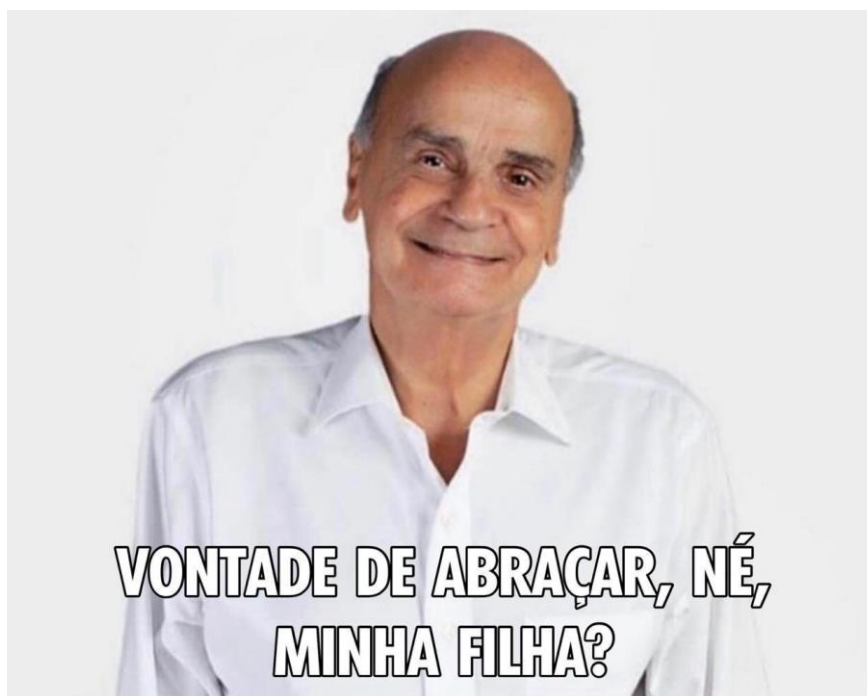
Esta obra está bajo licencia internacional
Creative Commons Reconocimiento 4.0



e-ISSN 1605-4806
Vol. 24, nº. 108, mayo-agosto 2020



Figura 1. Meme produzido com a figura de Drauzio Varella, a respeito de uma entrevista exibida no programa Fantástico, realizada com travestis no complexo prisional e que foi transformado em meme.



Que loucura tudo isso né? Saudades de tempos de calma aparente, né, minha filha?

1. A pandemia

No dia 31 de dezembro de 2019 tivemos o primeiro caso de COVID-19 confirmado na China, o que já denunciava um presságio horrendo: 2020 seria um ano histórico. A COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*) é causada pelo vírus SARS-CoV-2, vírus que já era responsável por algumas epidemias aqui e ali. Há relatos de que o vírus já estava circulando desde outubro ou setembro, que pode ter se ocasionado em outro lugar do mundo, visto que na Itália havia relatos de Síndromes Respiratórias Agudas que indicavam uma condição desconhecida. Há um fluxo intenso de pessoas

entre China e Itália todos os dias. Num mundo globalizado, é difícil ao certo profetizar o local preciso de nascimento de um vírus, embora os países digladiem por informar seu paciente nº1, ou da zoonose específica que contaminou o primeiro humano. Muito menos convém. Embora o mundo todo soubesse que a China havia relatado um novo vírus, e que ali nascia uma pandemia, somente no dia 11 de março de 2020 tivemos um comunicado da OMS de que o vírus de fato tomara escala global. Afinal, o vírus precisa adentrar no tempo próprio ao capital, e, por isso, alguns meses foram necessários. Óbvio que, em um mundo globalizado, seja inevitável que o vírus penetre em todos os lugares do mundo - inclusive em tribos de índios isolados, quando madeireiros extrativistas contaminados espalham a doença para ameaçar a sobrevivência das populações indígenas, mais uma vez. O potencial pandêmico já havia sido descoberto muito antes, quando se conheceu que indivíduos assintomáticos transmitem o vírus. Não haveria, assim, como conter o coronavírus. Não se quisermos preservar, ao mesmo tempo, as cadeias produtivas globais, o fluxo de capital que as pessoas carregam nos aviões. O vírus demandou que o mundo parasse, ou então teríamos uma pandemia de escalas catastróficas. A China adotou uma política de isolamento social para evitar que o número de casos crescesse e não se sobrecarregassem os leitos hospitalares.

Esta estratégia foi adotada pelo mundo todo, contudo, havia um diferencial na China: a organização política e econômica permitiu que o Estado subsidiasse a construção de novos hospitais em questão de dias, tudo a fim de evitar ao máximo mortes pelo vírus. O povo Chinês vem acima de qualquer crescimento econômico. Contudo, tal estratégia não agradou aos capitalistas globais, e logo viram que a China

havia se rendido ao vírus. Começou um novo capítulo na guerra híbrida contra a China através de xenofobias e mentiras. Em questão de semanas, o mundo todo adotou a mesma política, fazendo com que se iniciasse um novo período de nossas vidas: planeta confinamento, o isolamento social, ou a quarentena, como todos começaram a chamar. As instituições privadas, os pilares da economia neoliberal global, não tem povo, nação, compromisso com saúde pública. Portanto, nem adianta olhar para os bancos demandando perdão de dívidas, porque são coisas distintas. O ano de 2020, será marcado na história da humanidade por diversas razões. A **primeira** delas é da mesma natureza da que marcou, em 1918, a última pandemia viral semelhante a qual vivemos: a da gripe espanhola. A **segunda** diz respeito ao fracasso total das instituições privadas, tão enaltecidas no regime neoliberal, em lidar com uma crise que começou na saúde pública, mas que se expandiu para uma contração econômica inaudita – mais de 30% de redução no PIB dos Estados Unidos, embora o PIB da China ainda cresça meros 1% –, cujos reflexos são imprevisíveis ainda, levando milhões de pessoas para a pobreza e enriquecendo uma meia dúzia. Bem como uma crise de saúde mental, cujas causas sistêmicas desvelam o mundo sob uma perspectiva perversa. Também uma crise política, dado que os Estados, diminutos, enxugados, totalmente cúmplices das bolsas de valores, estão demonstrando na prática que as finalidades das políticas que se fazem são para a manutenção da acumulação do capital nas elites, e não para que se poupem as vidas daqueles que, em situações mais frágeis perante o vírus, tem sua mortalidade ignorada em detrimento de um discurso de que ‘não podemos parar’. Em suma, a segunda causa é de que percebemos, enfim, que nós estamos sendo lentamente

excluídos dos mecanismos da sociedade neoliberal, dado que o funcionamento da Máquina está sendo terceirizado pelas tecnologias, e os humanos que não são mais úteis ao funcionamento do capitalismo podem lentamente morrer sufocados (Mbembe, 2020). Basta olhar para as favelas do Rio, aos índices de mortalidade preta, às políticas relativas aos povos indígenas, que tudo ficará claro.

A **terceira** é em relação às formas pelas quais as práticas de subjetivação dos indivíduos estão se modificando, transfigurando de um espaço-tempo sensível para um digital, portanto, codificado segundo lógicas alheias aos nossos funcionamentos biológicos. Lentamente migramos para nossos avatares, admitimos um enquadramento dos ombros para cima, escolhemos o fundo de nossas videoconferências. Nos acostumamos ao *home office*, ou então às ruas esvaziadas, ao medo das superfícies, das gotículas de água no ar. Não fazem nem 6 meses desde o começo da pandemia e ela já foi incorporada à normalidade do cotidiano. Nos acostumamos às máscaras, à esterilidade dos objetos de uso cotidiano, dos alimentos caseiros. São novas práticas de vida, novas regras de um trabalho remoto. Novas lógicas que podem ser capturadas pelo capital, que reterritorializa os fluxos, transformando não o processo, mas o código, alterando a produção final, para que se alimente este grande mecanismo da sociedade neoliberal. Percebemos, enfim, que caímos nas fábulas de um mundo maravilhoso no capitalismo, e agora vemos que não produzimos nada além de consumir aquilo que as máquinas produzem. Nos convidam a falar, e sempre a produzir algo a ser dito, para sempre se dizer, e insistem que se diga; quando, na verdade, não nos sobra tempo para pensar sobre o que dizer. O que de fato produzimos pelo trabalho que empregamos em nossa vida? Quando o

capital acaba esvaziando os sentimentos mais profundos, migramos de uma estética da existência para o método da existência (Flusser, 1994). Esvaziar a cultura, as ciências humanas e as artes, nesta lógica, se torna mera causalidade. ˘_(\ツ)_˘

Enfim, vivemos uma situação de crise das crises, na medida em que o imaginário coletivo está doente, povoado de distopias (Bauman, 2017), de informações falsas. Os desejos são reduzidos, limitados, confinados em casa. A revolução não pode ocorrer dentro de casa! Pois o que se demanda, no fundo, é que as coisas mudem. “Tava melhor, com certeza, já tava bom, tava mudando pra melhor, não tava muito bom, tava meio ruim também, tava ruim, agora parece que piorou”. ๖_๖ A pandemia não veio do nada, do acaso, ela foi gestada nas grandes indústrias agropecuárias que invadem microbiomas isolados e fechados, que podem portar certas virulências. Quando toda a população de uma mesma espécie em uma fazenda, seja de gado, porco, frango, e possui pouquíssima variabilidade genética em virtude do sistema de seleção artificial que empregamos, não existe imunidade na população: adoecem todos. E a zoonose, transmissão animal-humano, ocorre não somente nestas grandes indústrias, mas também da exploração e consumo de animais silvestres, como é o caso do mercado úmido de Wuhan e diversos outros ao redor do mundo. Enfim, toda o ciclo de produção e consumo de nossa espécie, e das subjugadas por nós, produziu uma realidade na qual a pandemia era somente questão de tempo. Percebemos enfim que esta mesma lógica extrativista, intensiva e irresponsável que perpetra os mercados globais também se infiltra nos diferentes

governos das nações, nas organizações mundiais, como a OMS³⁰.

É tudo uma questão de nos inserirmos no ciclo e alteramos ele. Fazer revolução não implica necessariamente em ir às ruas (somente quando um embate de poder é inevitável), pois o que se percebe, hoje, é que fazer revolução é ir contra o modelo de capitalismo atual, necessariamente. O **quarto** motivo é de que a pandemia, pelas lógicas do confinamento, quebraram completamente determinados ciclos produtivos, o que causou alvoroço em determinados mercados – como foi o caso da guerra do petróleo entre EUA, Rússia e Arábia Saudita – e provou que tal lógica das finanças globais, na verdade, é mais frágil do que se jamais imaginou. Oi? A questão é: o capital se apossa do trabalho – movimento produtivo que vai agregando valor, ou seja, produz algo que continua sendo quantificado perante toda uma cadeia produtiva – e, a partir de um mecanismo de mais-valor, criando diferença numérica, emprega lucro sobre as transações de posse, do produtor para o mercador até o consumidor. Percebe o ciclo aí? Se as políticas de desmatamento, de exploração, e os financiamentos e isenções fiscais beneficiam estas grandes indústrias transnacionais que produzem o que consumimos, a grande sacada do capital neoliberal é a mercantilização da política: o ato de colocar valor nas decisões que impactam a vida de milhões da nação e do mundo. Assim, o ciclo que faz a manutenção de tudo isso é o seguinte: se produz, e se visa produzir com a máxima

³⁰ A OMS é financiada, dentre muitas outras fundações, pela *Bill & Melinda Gates*, que também financia Moderna, umas das indústrias desenvolvendo uma vacina contra a COVID-19. Existem ramificações pelos fluxos financeiros globais que possibilitam que instituições se corrompam facilmente.

eficiência para que se reduza o custo de produção e com isso aumente o lucro, de tal maneira que as políticas locais ou globais entram como tecnologias de maximização de lucro para as empresas. Investe-se em deputados, senadores, diferentes *lobbies* que permitem isenções fiscais, informações privilegiadas, prioridade em licitações. Seria como reservar um montante de capital para gastar em publicidade e propaganda: investe-se. Assim, tudo isso entra dentro da cadeia produtiva do seu Toddynho™: todo um mecanismo invisível de produção que culmina em diversas marcas nas prateleiras dos supermercados. Ilusão, pois as marcas não existem sobre a Terra, mas sim as fábricas, os prédios, pessoas, dinheiro e muito silício, que produzem as marcas. Diferentes rótulos para você possuir a “liberdade” de escolher de onde vem o seu produto – muito embora a grande maioria das marcas, em seus conglomerados, sejam produzidas pelas mesmas empresas, e conseqüentemente pelas mesmas fábricas.

A ilusão do trabalho foi quebrada, como um **quinto** motivo, e último, quando se obrigou a fazer uma distinção entre serviços essenciais e não-essenciais. Essenciais a quê, exatamente? Ao meu Toddynho? ༄_༄ Ao senhor de todos os trabalhadores, à Goldman Sachs ou à Black Rock, ao capital enquanto possuidor de arbítrio? Isso promoveu uma ruptura na própria noção de para quê se trabalha. Mas pela própria lógica neoliberal de trabalho esta pergunta devém esquizofrênica, na medida em que se trabalha para ter dinheiro, e com ele todas as outras coisas que nos prometem.

Falando, pois, em sentido estrito e próprio, qualquer trabalho resulta impossível. Se a pergunta “para quê?” não tem sentido algum, o gesto do trabalho vem a ser absurdo. De fato, em nossos dias, o trabalhar no seu sentido clássico e moderno tem sido substituído pelo funcionar. Já não se trabalha para realizar um valor, nem tampouco para valorizar uma realidade, antes se funciona como

funcionário de uma função. Este gesto absurdo não se pode entender sem uma consideração da máquina, pois se funciona efetivamente como a função de uma máquina, a qual funciona como uma função do funcionário, que por sua vez funciona como função de um aparato, e esse aparato funciona como função de si mesmo. (Flusser, 1994)

Funcionamos em função de máquinas, que operam segundo códigos que produzem trabalho para oligarquias do capital. Não mais trabalhamos como ato de conferir valor à vida, dignidade social ao sujeito, mas sim operar máquinas, ganhar dinheiro para que se gaste nas filas em que se paga. Quando nos acostumamos tanto assim? Estamos percebendo aos poucos que a real solução é parar este aparato gigantesco que o capitalismo criou. Uma sociedade global que perpetua as mesmas desigualdades locais só que em escala maior. Se gastamos tanto para produzir aquilo que consumimos, será a solução parar de consumir? Quebrar esta lógica de consumo maior em detrimento de uma menor, de incentivo ao pequeno produtor, à produção local? De fato, as estratégias contra o domínio hegemônico de certos grupos de capitalistas podem fluir pela pequena produção, por um consumo alternativo. Mas isso esbarra em um segundo ponto, crítico, que concerne ao registro do capital: os bancos e o sistema de finanças.

O sistema de finanças permite que se injete grande concentração de capital – e neste sentido podemos entendê-lo enquanto potencial produtivo que se realiza através da moeda – em determinados eixos de indústrias, em determinadas

famílias³¹, o que permite que se construam máquinas maiores, mais eficientes, mais potentes, e por conseguinte rebater tais investimentos no preço de mercado ao longo de um tempo muito maior que pequenos produtores, em virtude das grandes reservas que seus investidores possuem. Vendendo mais barato, vendem mais, dominam o mercado, monopolizam as produções e o consumo. Em suma, por detrás da rede material de produções, existem pessoas e grupos, famílias, investindo ao redor do mundo em determinados *locus* produtivos. Então esse é o primeiro impasse: teremos, enfim, de abolir todas as marcas que não sejam locais? Será que a luta anticapitalista também é antiglobalista?

Os bancos em segundo momento fazem o registro dos números, pois são eles que importam no regime das finanças informacionais. Quantificando o mundo, são eles que definem quem deve e quem ganha. Vimos bancos se unindo aos Estados na 'guerra' ao vírus, investindo milhões. Quando observamos bancos se colocando ao lado de nações, fica claro que seu poder é equivalente. Um poder privado, um poder de dívida e de cobrança sobre milhões, bilhões de pessoas. Empréstimos, investimentos: os bancos controlam em escala menor aquele comércio que abre ou fecha pelo sistema de crédito e juros. Aí vem a segunda contradição do sistema: se a luta é antiglobalista, como podemos investir no local sendo que os bancos continuarão drenando recursos de todos em todos os lugares a todos os momentos?

³¹ E o capital deturpou o conceito de família quando se elimina o sangue como metáfora essencial do laço familiar em detrimento de uma participação nas produções e dividendos daquela família, como uma empresa, em que se admitem sócios, agregados.

Na produção imaterial, os bancos controlam as transações financeiras entre as mais diversas instituições públicas e privadas.

E nos vemos presos entre um empasse e outro, na busca por respostas que talvez virão em virtude deste experimento em pandemia, no qual se provou que o T.I.N.A. (*There Is No Alternative*) do capital aceleracionista não tinha total razão. O resto é futuro.

1. Os memes

Em seguida, tomaremos este item para explicitar o que são os memes, numa tentativa de dar luz a alguns sentidos de significância. Esta palavra já designou diversas concepções de um mecanismo de replicação cultural, imagens, linguagens, entre outras possibilidades. Primeiramente, isso é um meme.

Figura 2. Meme da página @saquinhodelixo, publicada na página no dia 25/07/2020.



Figura 3. Meme publicado na página @meltedvideos, publicada no dia 30/07/2020.



O meme não é algo fácil de encerrar definições senão segundo seus modos de produção. O que implica que o meme, como se conhecem nas redes, é entendido como uma imagem técnica³² (Flusser, 2007), na medida em que sua produção implica na tradução intersemiótica entre texto e imagem, o que acaba fabricando significados para além de uma semântica das palavras e da magia da imagem. A **primeira** coisa a se entender sobre memes, é de que eles são produtos de procedimentos tecnológicos, manipulações de dados através de interfaces de um celular, um computador, cujos processos são, em seu código e funcionamento interno, desconhecidos pelo usuário, implicando que a fabricação de tais imagens

³² Enquanto as imagens tradicionais são codificadas analogicamente a partir do Real, as imagens técnicas, por sua vez, são o produto de textos científicos, digitalmente codificados. Ou seja, são intermediadas por textos que revelam imagens de um mundo codificado.

passa por caixas-pretas (Flusser, 2002), ou seja, *input-output*. Sabe-se o que se tem e a qual resultado se quer chegar, o resto é fruto de experimentação com as ferramentas de manipulação de imagem e texto. Assim, com a difusão de tais ferramentas, a produção de memes se tornou massiva, hiperpovoando as redes com imagens, vídeos, discursos transmídias, possibilitando que se configurasse um acervo³³ de memes em diversos sites, páginas, perfis em mídias. Os memes povoaram não somente as redes, como o imaginário coletivo. O **segundo** ponto a ser compreendido sobre os memes é que eles são egoístas, e possuem somente uma única finalidade: sua replicação. Tudo o que um meme quer é ser compartilhado, na medida que fabricar uma imagem que comunica o tanto que estas comunicam, e não compartilhar com alguém, torna o tempo perdido. Assim, temos dois pontos interessantes: a estrutura linguística híbrida dos memes e sua propagação, viralização em rede, o que permite definir a **primeira característica fundamental** dos memes: eles devem ser tratados separadamente de qualquer subjetividade que os contenha.

De certo, um meme deve ser considerado como um ente de estrutura significativa sofisticada e que possui um tempo de vida, por assim dizer. Alguns memes ainda duram, mas tente se lembrar daqueles memes de 2006... É, ninguém mais usa. 🙄 ORLY? Os memes começaram internacionais, mas depois de serem

³³ Para acessar o acervo de memes, segue o link: <https://www.museudememes.com.br/acervo/>. Acesso em 06/08/2020. Para ver um estudo estatístico e mapeamento nas redes de determinados memes, recomendamos este site em inglês: <https://knowyourmeme.com/>. Acesso em 07/08/2020.

importados, começaram a ser fabricados por aqui, com material cultural brasileiro, em português. Assim, é possível dizer, olhando-se os memes de ontem e de hoje, que houve uma evolução em sua estrutura, suas redes de compartilhamento, de tal forma que eles se tornaram uma forma predileta de comunicação em rede, a tal ponto que “quem vai contar a história de nossa coronavida são os memes” (Beiguelmen, 2020). Dentro da esfera semântica da humanidade, os memes surgiram e rapidamente ganharam força na cultura por possibilitar novas modalidades de comunicação. Dominando a comunicação humana, os memes se tornaram as unidades culturais, possivelmente, de maior replicabilidade na história da humanidade. **Segunda característica fundamental: memes são unidades culturais (estruturas significantes) que se transmitem e efetuam sua existência pelos meios de comunicação e conhecimento humanos, cujos movimentos somente visam sua replicabilidade.** Dessa forma, há competição entre diversas existências dentro de uma mesma variante de memes ou entre formas diferentes de expressão do mesmo conteúdo para que sejam replicadas nas emissões de discursos entre os diversos atores em redes, nas mais diversas plataformas. A característica central do ciberespaço na atualidade é de que ele é efêmero, ultra veloz e densamente povoado pelas mais diversas informações, o que implica que os memes combatem com todo o tipo de informação num ambiente sem regras. O que se constata, entretanto, é de que até mesmo esta competição eles estão vencendo.

Na história das linguagens humanas, dificilmente veremos linguagem sofisticada e tão complexa quanto esta que analisaremos a seguir. As constantes experimentações permitem que até notícia ou informações importantes de saúde

pública possam ser transmitidas através destas tecnoimagens. Entendidas as mecânicas básicas do que adiante definiremos enquanto memética, podemos começar a tratar das existências destes entes curiosos, destas unidades culturais que se manifestam pela cultura digital. Tentaremos algumas aproximações para trabalhar o conceito aqui apresentado.

Figura 4. Meme da página @saquinhodelixo, publicada na página no dia 12/03/2020.



Etimologicamente, meme devém da palavra μιμητής (*mimētés*), do grego, imitador, fingidor. Surge quando em 1976, Richard Dawkins, no final de seu livro “O gene Egoísta”, indica que, além dos genes – enquanto unidades biológicas que visam sua própria replicação através dos corpos que os transportam, por isso o egoísta (de

que possuem interesses próprios: os da replicação) – poderia haver uma nova ordem de replicadores soltos pela superfície terrestre: os memes. Em 1999 Susan Blackmore publica *The meme machine* (A máquina de memes, sem tradução para o português), na qual apresenta as primeiras bases do que se consideraria a memética. Esta ciência se dedicaria a estudar a transmissão de memes e a evolução cultural. Existem diversas noções prévias de memes, mas ousaremos nossas próprias definições em virtude do objeto deste estudo transdisciplinar. A seguir, analisaremos o meme de diversas perspectivas para evidenciar suas características centrais.

Morfologicamente, um meme pode assumir diversas formas: desde uma imagem, um gif, um vídeo; recentemente migrou para a linguagem falada ou para simples descrição textual. Isto implica que o meme não é nenhuma destas variações apontadas. Para compreender o que é, portanto, precisamos analisar os padrões em suas apresentações.

Figura 5. Meme da página @meltedvideos, publicada na página no dia 19/07/2020.



Quando **imagem** apresenta, em sua maioria avassaladora, uma imagem de fundo e um texto muito curto na frente, geralmente uma frase. Contudo, há a possibilidade de que uma imagem que antes possuía escritos possa ter seu significado assimilado ao conteúdo visual, permitindo que somente uma imagem possa trazer significados textuais implícitos. Há variações para uma linguagem sequencial, quando há seriação de imagens, como em uma tirinha, ou uma história em quadrinhos. Assim, para analisar tal imagem temos que fazer uma distinção clara com as imagens tradicionais, pois:

Trata-se de imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produtos da

técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado. Imagens técnicas são, portanto, produtos indiretos de textos – o que lhes confere posição histórica e ontológica diferente das imagens tradicionais. (...) [A] imagem técnica é abstração de terceiro grau: abstrai uma das dimensões da imagem tradicional para resultar em textos (abstração de segundo grau); depois, reconstituem a dimensão abstraída, a fim de resultar novamente em imagem. (...) Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. Essa condição das imagens técnicas é decisiva para o seu deciframento. (Flusser, 2002).

Há uma complexidade tremenda para se compreender seu conteúdo, quando se tem necessidade de: 1- conhecer o contexto tanto da frase quanto da imagem, há de se saber de onde vem aquele meme, a qual conjunto faz referencia; 2- fazer a relação de significado entre as duas linguagens, tensionando as duas informações e permitindo que surja ali um acontecimento, uma relação direta entre observador e o universo próprio daquele meme, daquela estrutura significante; 3- compreender a distorção de sentido que a grande maioria dos memes se utilizam, uma contradição semântica que gera um humor *nonsense*. Estas imagens são veiculadas por qualquer canal de comunicação que permita o compartilhamento de imagens, desde mensagens diretas até fóruns públicos. Assim, a principal característica da forma imagética seria a leitura híbrida, que perpassa texto-imagem em tensões que podem ser exploradas na medida em que o quadro determina o limite máximo de elementos a serem justapostos.

Quando **GIF**, segue a mesma estrutura da forma imagética, porém há o adicional do tempo que possibilita: 1- alterar sobremaneira o sentido de uma imagem por sua sucessão em centenas de quadros distintos, adicionando camadas de entendimento conforme o tempo decorre, aumentando suas contradições internas; 2-

permite que se coloque uma quantidade maior de texto do que caberia em apenas uma imagem, visto que pode-se alternar o texto ao longo de sua duração; 3- permite que a hibridação de linguagens que já existia na imagem possa ser novamente acumulada, possibilitando que o tempo seja o principal fator de determinação do significado do meme em formato GIF. Quando em **vídeo**, adiciona-se a linguagem audiovisual, ou seja, agora há a possibilidade de três linguísticas justapostas: Imagem-Quadro, Tempo-Duração e Som-Movimento. O som inaugura a liberdade das intensidades, na medida em que diversos vídeos exploram o som como condutor de ritmo de significação. Ele tensifica, suaviza... o som contrai o tempo e o espaço para poder explorar as dobras e redirecionar o rumo da narrativa. Os vídeos duram às vezes 5 segundos, às vezes 1min. Às vezes são trechos desses vídeos que permitem a criação de memes em imagens ou GIFs, ou vídeos menores. **A tendência é reduzir as camadas e manter somente o essencial a ser replicado, eliminando os excessos.**

Contudo, como todas as regras, estamos repletos de exceções, na medida em que os experimentos anárquicos do *nonsense*, as experimentações formais que sempre empurram os limites estéticos dos memes, obrigam uma produção anti-produtiva, uma verdadeira anarquia simbólica, da qual se extraem novas tendências, linguagens, símbolos... Ao mesmo tempo em que se consolidam as curvas de regularidades enunciativas com os memes, se produzem toda uma contra-cena, na qual se exploram as mais vertiginosas combinações em fóruns como o *Reddit*, ou grupos de Facebook cuja única finalidade é a produção incessante de memes. Há uma altíssima variabilidade nas diversas apresentações dos memes, o que permite

que diversas formas inéditas surjam facilmente pelas experimentações entre subjetividade e memes, e rapidamente viralizem.

Isso explica, por exemplo, porque eles recentemente migraram para a linguagem falada, por referências, imitações, verbalizações... os memes produzem um sentido muito além da linguagem pela qual se manifestam. Quando em mensagens de texto nos referimos a memes em formato vídeo, estabelece-se um hipertexto que liga uma imagem mental a um significado, e instantaneamente o meme se transfigura. Assim, nos perguntamos: o que é um meme, dentro de tudo isso? **Conceitualmente, o meme é esse sentimento, esse entendimento, esse *pathos* que se evoca através de um conjunto de sintagmas tecnoimagéticos**, o que permite uma modalidade de expressão inédita. Ou seja, são os sentimentos humanos que conseguem ser expressados pela miríade de dispositivos que nos utilizamos nas enunciações, então o meme de fato pertence a um domínio superior, uma camada anterior às próprias coisas que se dizem. Permite que o acontecimento se torne matéria de enunciação: sensações experimentadas em situações podem ser evocadas pelas próprias referências textuais e imagéticas aos acontecimentos, e, assim, permitir que a transmissão de dados assuma uma nova característica metonímica. Apela-se, através de situações genéricas, aos sentimentos mais profundos, complexos (Guatarri, 1990), indizíveis em meios prévios, como elemento central de uma nova forma de comunicação mutante e fractal que visa sintonizar, através de elementos gerais, com os aspectos mais intrassubjetivos, se apossando de tais intensidades enquanto combustível para novos memes. Assim, sempre teremos o que dizer.

Ainda estamos tentando compreender como se comporta, mas é fato que **tal modalidade de comunicação permite uma hibridação que só é possível em ambiente digital, comunicação digital que se reduz, em última instância, a linguagem de máquina.** Assim, nos comunicar por memes é nos comunicar pelos dispositivos que processam os códigos destas tecnoimagens. Agamben já havia compreendido que “não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por um dispositivo”. Fato é que a evolução dos memes progrediu conjuntamente aos temas (Blackmore, 2010)³⁴ fora de nossos organismos biológicos, nas redes digitais, se realizando nas telas de computadores e celulares, ganhando formas novas pelos mecanismos de fabricação de imagens presentes em diversos aplicativos. Fabricamos e compartilhamos memes através de tecnologias criadas somente para tais fins.

Assim nos aproximamos das intenções de Aby Warburg³⁵ ao tentar conceituar os memes pelos seus modos de fabricação: quando conceitua a *pathosformeln*, Warburg examina as condições culturais maiores nas quais o artista se inseria para determinar sua ótica de leitura e interpretação. **Assim, as unidades culturais de Warburg eram unidades patéticas, pois são os pathos que acabam encontrando novamente, em uma pós-vida – *naschleben der Antike* (sobrevivência da antiguidade) – sua expressão atualizada.** Da mesma forma que a cultura evoluiu

³⁴ Susan Blackmore propõe que haja um terceiro replicador: os temas, replicadores tecnológicos. São as tecnologias que evoluem cegamente em mercados internacionais.

³⁵ Historiador da Cultura alemão (1866-1929).

desde o Renascimento em sua modernidade cientificista e progressista, podemos comparar com a evolução atual dos memes: há uma genealogia possível aí. A pós-vida se inicia na reigñção, repotencialização significativa de uma determinada fórmula, ou seja, o processo significativo atualiza uma estrutura ‘morta’ e a revive. A ontologia por trás destas operações reside numa análise maior das condições de subjetivação do criador.

Diante disso, podemos atestar que as obras de arte, para Warburg, não eram consideradas “objetos válidos em si mesmos e por si mesmos”, mas “veículos selecionados da memória cultural” (Forster, 2005, p. 33). Tome-se o caso das composições de Botticelli por ele analisadas na dissertação de 1891: elas são escolhidas como objeto de análise não por seu potencial estético, embora este seja evidente, e sim porque constituíam, em sua ótica, extraordinárias vias de acesso para a compreensão de certas sutilezas da cultura do Renascimento italiano. (Teixeira, 2010)

Convém, neste sentido, pensar os memes como um produto entre a história da cultura ocidental e as novas tecnologias digitais: uma tensão formal entre as diversas modalidades de expressão empregadas ao longo da história da humanidade, dispostas lado a lado em um tempo infinito, na virtualidade de uma máquina de processamento de códigos, com as interfaces e mecanismos digitais de processamento de texto e imagem, as tecnologias de criação de imagens – os dispositivos que animam as fórmulas. Podemos evocar a imagem de um acervo patológico, no qual as diversas *aesthesis* humanas encontrariam lugar, esperando para serem utilizadas novamente. A subjetividade, através dos diversos dispositivos comunicacionais realiza uma *bricolage*, lógica do *remix*, integrando símbolos e significados, avaliando o resultando, migrando de interface em interface para obter um resultado esperado: a expressão consagrada de um ser técnico, que valoriza mais

os métodos que emprega em suas criações do que sua ontologia e possíveis deontologias. Os memes, assim, se aproximam de criações técnicas cujas capacidades expressivas de suas estruturas significantes levaram à sua utilização intensiva nos agenciamentos coletivos de enunciação digital. Isso desencadeou um processo de evolução destes memes, guiados por dois grandes pontos: 1- a possibilidade técnica de expressão do meme enquanto máquina semiótica, desenvolvendo novas formas e organizações sintáticas que permitem sua replicação cada vez maior; 2- a coerência de conteúdo entre a cultura digital e o imaginário coletivo, tornando a ressonância patológica com a subjetividade cada vez mais sofisticada, incentivando a subjetividade a utilizar o meme em seus agenciamentos expressivos. Isso nos leva à **terceira característica fundamental** dos memes: **por mais que sejam distintos de nós, os memes farão de tudo para serem utilizados em nossa comunicação, para que possam replicar sua existência. E para isso, desenvolvem mecanismos e estratégias que permitam sua constante animação.** Há um movimento consonante entre os memes e o imaginário coletivo, na medida em que os memes que se compartilham podem induzir certos sentimentos, ou o contrário, os sentimentos fazer ressurgir certos memes pela necessidade de se expressar. Isto torna muito difícil de estipular o que é o quê nos agenciamentos desejantes de uma subjetividade. Os memes podem ser utilizados como substrato desejante na medida em que o efeito patético do meme pode suscitar potenciais de ação. O que implica que seu papel na enunciação deixa de ser somente lexical para se tornar parte da estrutura significativa: podemos ver um outro mundo através dos memes, pois conforme eles migram para outros canais de comunicação, assumindo

novas formas, revelam que sempre há mais a se dizer. O que realizamos acima não passa de uma tentativa de segmentar as formas de expressão de uma linguagem que não possui código fixo.

Aproxima-se de um léxico à imagem de uma ideografia dinâmica (LEVY, 1991), na qual se recorre a um movimento circular de dois pólos: do sujeito em desgastar a tecnoimagem, exaurir seus significados a partir das diversas interpretações possíveis, e do meme, em insistir em suas contradições internas e fornecer material numeroso de possibilidades de significação. Podemos aproximar de um léxico hiperreal (Baudrillard, 1991), na medida em que o uso do humor atua numa produção a fim de enganar aquele que interpreta, insistindo em um cinismo dualista entre realidade do meme e a do sujeito, produzindo uma realidade patafísica. As semelhanças atraem os significados e permitem que a pluralidade de sentidos possa emergir. E esta estratégia é proveniente da evolução dos memes, para que possam insistir durante mais tempo na vida útil de uma forma vazia, uma casca a ser preenchida, para que ela possa ressurgir depois. Assim, cria-se uma relação simbiótica entre subjetividade humana e memes, na qual nos utilizamos deles para nos comunicar e eles de nós para continuarem a existir.

Até aqui tentamos definir um meme segundo teorias que não são da base tradicional dos estudos em memética para que se pudesse experimentar novas definições, novos conceitos que animem novas visões sobre o mesmo objeto. Nos referimos aos memes enquanto entes na medida em que sua vida é delimitada pela sua utilização ativa em canais de comunicação humanos. Tal palavra, que antes designava um conceito estranho, agora designa, materialmente, estruturas

significantes fabricadas em rede.

2 A memética

Um replicador é definido como “uma unidade de informação³⁶ que é copiada com variação ou erros, e cuja natureza influencia sua probabilidade de replicação” (Dawkins, 1976. In Blackmore, 2010); “ou como informação que é sujeita ao algoritmo evolutivo” (Dennet, 1995. In: Blackmore, 2010); “ou então como informação sujeita a variação cega com retenção seletiva” (Campbell, 1960. In: Blackmore, 2010); “ou ainda, como uma entidade que passa em diante sua estrutura quase intacta durante replicações sucessivas” (Hull, 1988. In: Blackmore, 2010). Assim, podemos dizer que um meme é um replicador, informação sujeita ao algoritmo evolucionário, definido como informação copiada de pessoa a pessoa por imitação. E o que seria imitação? Um processo de cópia com base em observação, que suporte um processo evolutivo, e podemos definir memes então como os replicadores que são transmitidos quando essa cópia ocorre. A questão da cópia é amplamente estudada por Deleuze em diferença e repetição (2000): toda repetição possui uma diferença que se impregna. Se jamais nos banhamos no mesmo rio duas vezes, metaforicamente, nenhuma duração (Bergson, 1999), será exatamente igual a outra, seja passada ou futura. O processo de imitação, nesse sentido, se refere a uma decodificação de uma máquina

³⁶ “A ideia de informação está sempre ligada à ideia de seleção e escolha. Informação, aqui, se refere, não a que ‘espécie de informação’, mas a ‘quanta informação’. Só pode haver informação onde há dúvida e dúvida implica na existência de alternativas – donde escolha, seleção, discriminação. De outro lado, lembramos ainda que os sinais transmitem ou transportam informação como um vagão transporta mercadorias. [...] Informação, pois, pode ser entendida como instruções seletivas. Para usar a definição de G. A. Miller: Informação é o de que necessitamos quando devemos fazer uma escolha.” (PIGNATARI, 1981. p. 40) E também: “As mensagens são em si uma forma de padrão e de organização. Com efeito, é possível tratar conjuntos de mensagens como tendo uma entropia, tais como conjuntos de estados do mundo exterior. Assim como a entropia é uma medida da desorganização, a informação transmitida por um conjunto de mensagens é uma medida de organização”. (Ibid. p. 48).

alteridade, a transcodificação de seus fluxos para gerar conhecimento, a ser reproduzido, dadas as diferenças de natureza entre uma subjetividade e outra e as circunstâncias em que são observadas e portanto codificadas, e suas capacidades de reproduzir este efeito de máquina. Ou seja: a prática da cópia é imperfeita e, portanto, essa diferenciação causa evolução. Imita-se sons, procedimentos, ideias, ações, comportamentos, signos... Tudo que é humano pode ser imitado.

Analisando este processo de replicação, podemos entender que o meme deriva de uma existência social, se realiza na comunicação para contagiar o máximo de cérebros, fornecendo acervo de significados para que a dinâmica do conhecimento pessoal se dê. Se hoje vivemos numa sociedade da informação, os memes de fato dominaram os genes quando se trata de produzir a história do mundo. Trabalhamos em funções de ideias, morre-se em função delas, significamos nossa existência corpórea por ideias, em tal sentido hiperreal (Baudrillard, 1991) a própria existência é uma ideia que se tem sobre um conjunto de intensidades indescritíveis, como uma vez acusou Guattari. A cultura dessa maneira é essencialmente memética, conjunto de ideias que em sua complexidade produz uma esfera semântica que podemos habitar com nossas mentes. **Os memes de certa maneira permitem a existência cultural do ser humano, da mesma maneira que os genes permitem sua biológica.**

Podemos encarar as ideias como entes, e tratá-las por suas características, pertencas a determinados conjuntos culturais, pela semelhança entre seus adjacentes, a sintaxe e a semântica com que se organizam os memes em frases, argumentos, ideias, teorias, imagens, objetos, peças de arte... Utilizaremos a teoria

dos memes para pensar as ideias como sendo partículas, elas mesmas, um conjunto de outras partículas menores, e assim tratar a esfera semântica como um sistema dinâmico e complexo, com uma história e probabilidades futuras em virtude de seus estados de organização. Ela nos permite enxergar, longe das mentes que as abrigam, as ideias como objetos que possuem uma existência intersubjetiva. De certa forma, os agenciamentos coletivos de enunciação se referem ao conjunto de memes que são amplamente distribuídos e utilizados por uma determinada sociedade, memes que ganham forças com as conjunturas sócio-históricas. Assim, a evolução das ideias e sua seleção pela imitação nos aponta caminhos promissores.

Mas o que exatamente imitamos? Sons? Palavras? Frases? Ideias? Comportamentos, atitudes, ações? Tudo isso. Podemos imitar qualquer coisa, na medida em copiar significa adaptar. A biomimética, por exemplo, copia a organização de determinados sistemas vivos e os adapta para sistemas humanos, tecnologias, procedimentos, estruturas. Isso torna muito complexo, de fato, delimitar até onde vai um meme, qual sua estrutura, ou ainda, como reconhecê-lo.

Os grandes impasses que a memética enfrenta atualmente dizem respeito a dois problemas. **O primeiro é o da ontologia dos memes:** não possuem existência material. Isso não necessariamente implica em um problema irresolúvel: há entes para além das sensibilidades cujas estruturas lógicas de pensamento sustentam sua existência, como objetos cosmológicos pelo universo, partículas subatômicas, complexidades grandes demais para serem discretas... existências que se realizam por signos humanos, mas cuja materialidade nunca foi de fato sentida. São referências vazias. A incoerência é tratar tal existência dos memes como algo

codificável somente em números. A lógica da linguística consegue sustentar os memes, por exemplo, em sua virtualidade ontológica das palavras e sons. Por isso começamos este artigo apontando que os memes só podem ser compreendidos segundo deus modos de produção: sons de palavras, textos de sons, imagens de textos. São as máquinas que produzem os memes que nos permitirão compreender sua estrutura e organização. O substrato material dos memes envolve qualquer produção cultural e humana, existências que se efetivem quando uma subjetividade recorre ao pensamento, memes sobre memes, ou quando se comunica, memes contra memes.

O segundo problema é o da unidade discreta: como isolar um meme e dizer 'é isto'? Como estabelecer formas de reconhecimento de um meme a partir de curvas de regularidades em suas apresentações? Recentemente foi publicado um artigo que nos pareceu fechar elos entre certas composições conceituais que sustentam as teorias dos memes. Em primeiro lugar, usaremos o conceito de hólons como sendo algo que simultaneamente é uma parte e um todo (Velivosky, 2018). A definição de hólón poderia ser algo como uma estrutura dissipativa evolutiva e auto-organizativa, ela mesma composta de outros hólons. Ou seja, é tanto um todo como uma parte, possuindo uma natureza contraditória: expressar a si mesmo e desaparecer em algo maior. O fenômeno fractal simboliza os hólons: uma semente contém uma árvore ou uma árvore contém uma semente? Podemos dizer que ambos são verdadeiros na medida em que os dois se contém numa tensão mútua que permite que uma se torne a outra, e vice-versa. Utilizaremos as teorias de Arthur Koestler, propostas no livro *The Ghost in the Machine* (1967) e em sua sequência, *Janus: a Summing up* (1978),

sobre os hólons e as interações em holarquias: integração com ordens superiores; competição, cooperação ou cooepetição entre hólons de mesmo nível; e controle ou comando de ordens inferiores.

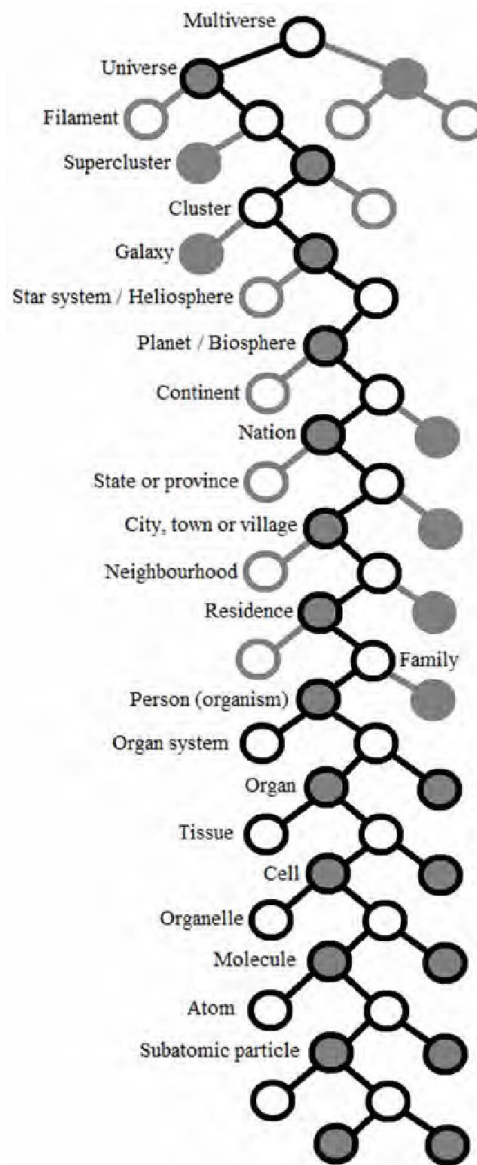
Estas partes-todos guardam em si potencial para expressar interações horizontais, entre mesmas escalas, e operações de controle de suas partes ou ser controlado pelo seu todo. A cultura humana, nossas sociedades, nossa vida, se situam num nível intermediário de escala, enquanto o multiverso ocuparia a maior escala conhecida até hoje, e as partículas subatômicas ocupando as escalas menores. Esta discussão, de uma maneira diferente, é constituída por Deleuze e Guattari (1995) no platô “Um só ou vários lobos”, em que contestam a ordem psicanalítica da individualidade. Deste ponto de vista, holístico, o Eu só se define em conjunto social, e o conjunto só se define pelas individualidades.

Desta maneira, a questão de uma unidade discreta desaparece em virtude de estruturas que não são somente decomponíveis, mas compositivas, ou seja, da mesma maneira que um fonema se faz de letras, e estas de sons, compõem-se palavras, frases, ideias, livros, enciclopédias. Todos são memes, e dizer que os fonemas são as unidades mais básicas, e, portanto, discretas e não decomponíveis, eles mesmo carregam informações que por si não dizem muito, a não ser em determinadas semióticas. Assim, podemos trazer as bases da semiótica para compreender que um signo se faz quando reconhecido. Um meme, da mesma maneira, é reconhecido em seu contexto em virtude de um significante e de um significado. Ou seja: o meme deriva de seus contextos que o permitem ser compreendido, ao mesmo tempo que seus significados não são afixados em um único

sentido de lectura. **Um meme, assim, é esta estrutura significativa que, quando reconhecida enquanto tal, pode ser compreendida segundo seus modos de produção.** Assim, saber a procedência do meme é vital, pois seu contexto de produção delimita um escopo de significados possíveis. Já dissemos que, muito embora haja sentido embutido em sua estrutura significativa, um meme pode ser interpretado segundo semânticas das mais diversas, depende de quem interpreta e de onde se interpreta.

Podemos observar um esquema traçado por Velikovsky na figura 6 para compreender melhor do que se trata um hólón, permitindo que um meme possa se tornar uma unidade discreta em qualquer uma destas escalas, da mesma maneira que um gene, enquanto unidade discreta da genética, compõe outras organizações e é organizado segundo outras estruturas. A própria genética não consegue reduzir seus objetos de estudo aos genes, ou definí-los segundo estruturas fixas. Advogamos por um holismo da mente e das ideias para que se possa compreender a real natureza dos memes.

Figura 6: Os sistemas evolutivos, do multiverso até as partículas subatômicas.



Fonte: Velikovsky, 2018.

As unidades culturais possuem cada uma seu respectivo nicho e espaço dentro do sistema cultural, e elas entram em relações com diversas ordens de memes nos processos do imaginário humano. Se pensamos com palavras, e elas nos permitem ter crenças e epistemologias, facilmente certas ideias oferecem a negação

de outras, e sucessivamente o processo de subjetivação constitui o mecanismo de seleção memética nos sujeitos culturais. Acreditar no Deus cristão pode me impedir de replicar memes abortivos, de casamento homossexual ou liberação dos corpos. E ainda assim, como vimos, cada meme é ele mesmo um conjunto de crenças menores e conhecimentos anteriores que sustentam tal ideia, tal imagem, pensamento. Um tal modo de subjetivação cristão poderá ser quebrado por outros memes que desarticulem o complexo da crença e que reconstrua uma nova epistemologia dos fragmentos. Um tal procedimento de performance, de imitação, de reapresentação de certas estruturas significantes, implica em pensar que o problema da unidade discreta é muito mais complexo do que simplesmente apontar: ali. Os genes podem ser visualizados por microscópio e suas estruturas podem ser comparadas por observação metodológica³⁷. Os memes não podem ser visualizados senão através de suas formas de manifestação. Uma receita de bolo não é um meme por sua materialidade, mas sim por sua significância e sua decorrente comunicação, comunhão de ideias e imitação do procedimento ‘seguir a receita’.

Por tal, não podemos concordar quando se dizem que palavras, fonemas, ou qualquer outra categorização específica sobre as formas que um meme pode se apresentar. Ao invés disso, manteremos nossa definição do item anterior, da seguinte maneira: **o meme, enquanto unidade cultural, é aquilo que faz ver e aquilo que**

³⁷ Embora recentes estudos em epigenética desconstruam os genes enquanto unidades discretas da genética, na medida em que tais estruturas são mais flexíveis em sua expressão do que os códigos AUG poderiam pressupor, inaugurando novas sintaxes biológicas a partir dos comportamentos dos entes biológicos.

faz falar, para pensar como Foucault. O meme não é a imagem, não é o texto, mas ele emerge, ali, para aquela pessoa enquanto fluxo de comunicação. Trata-se de uma discussão entomológica: mata-se, alfineta-se para se observar o inseto, deixando escapar toda a vida que movimenta aquelas estruturas. O interstício, 'novo' órgão, era desconhecido exatamente pelo princípio epistemológico de uma morte para compreender a vida. Memes alfinetados, congelados no tempo perdem sua relação com qualquer significante e seu significado estrutural se evanesce. Dessa maneira, propomos duas polarizações ontológicas do meme enquanto informação: enquanto **comunicação (social)** e enquanto **conhecimento (pessoal)**.

Enquanto comunicação, os memes operam por **coerência**, ou seja, comunica-se aquilo que, ou se necessita, ou se deseja. Os processos de comunicação operam coerência entre subjetividades, subjetividade-contexto, contexto-informação, mas sempre é uma relação significativa que perpassa aquilo a que o meme se refere, sua estrutura existencial designada³⁸, a forma de se comunicar e a forma de se compreender. Neste sentido, os memes desenvolveram certas estratégias. **A primeira estratégia é** em ambiente digital, pois criou-se uma série de materialidades que foram incorporadas à cultura, o que permite que se criem novos léxicos, novos significados que expressam novos sentimentos, corpos híbridos, produções significantes das redes, evolução cega de significantes. Criou-se todo um contexto

³⁸ A sua estrutura pode ser material tátil, no sentido de não ser mediada diretamente por dispositivos externos ao processo dialógico comunicacional, e o digital, neste contexto, designa às formas de substrato digital, processo por dispositivos ou interfaces, mas que ainda sim são existências a serem designadas.

digital, para além de qualquer materialidade, que os memes se anexam como signos desta esfera semântica³⁹, retroalimentando-se desta ambiência. Os significados são modificados anarquicamente, até tal ponto que deixam de fazer referência ao mundo das coisas para se tornarem cíclicos: memes sobre memes, a tal ponto que esta esfera pode ser definida como uma consciência própria que emerge destas experimentações significantes. Assim, podemos aferir que a realidade cibernética e virtual dos memes é 'patafísica'⁴⁰: inventa-se de tudo, o *nonsense* domina, e quebram-se barreiras estilísticas e formais em detrimento de uma novidade a ser sempre compartilhada. Assim, criou-se uma rede complexa de significados da internet que sustenta a disseminação desenfreada de memes. Ao mesmo tempo que povoa as redes, os memes criam um acervo para os quais novos memes devem obrigatoriamente serem coerentes (até a coerência *nonsense*), o que importa é que eles estejam ligados, pois esta é a única forma de existência virtual: em rede. A rede de signos e significados responde, em última medida, a este significante consciente que emergem das redes. Ou seja: nós não estamos mais no controle deste fluxo evolutivo, mas sim os algoritmos de compartilhamento nas redes sociais. São eles que selecionam os memes a serem compartilhados.

Segunda estratégia: novas linguagens que permitam novas modalidades de expressão, que portam extrema coerência com o espírito coletivo de uma população

³⁹ *A Esfera Semântica: tomo I, computação, cognição, economia da informação* foi publicado em 2011 em francês, traduzido em 2014 pela Annablume para o português.

⁴⁰ "Ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções", como definiu Alfred Jarry.

que frequenta as redes, descritas tais morfologias no tópico anterior. São estruturas significantes que se relacionam com a vivência de pessoas reais, como diálogos sobre o sexo durante a pandemia, os modos inesperados de usos errôneos de uma máscara. São os aspectos intrassubjetivos que causam tal ressonância significativa, que permite que o indivíduo compreenda a si mesmo pelo meme, e, assim, culturalmente, o compartilhe. Em tal sentido, é patafísico também pois a “patafísica teria por missão explorar os campos negligenciados pela física e pela metafísica”, na medida em que a diferença desenfreada de símbolos e significados entre as mesmas fórmulas patéticas é abundante e contrariam tratados lógicos e estéticos históricos. Se comunicar coerentemente com o mundo das coisas deixou de fazer sentido, fabricou-se um novo mundo de signos cujos sentidos dependem fortemente de uma rede de significados e símbolos que chamamos internet. E isso facilita que um grande público jovem, que habita tais esferas semânticas, realizem a comunhão de memes entre si. Força o sujeito a compreender tal contexto antes mesmo de dotar de sentido um meme. Se antes os memes eram obrigados a referenciar a realidade material e analógica, hoje, a coerência é digital e exclusivamente hiperreal: nós que devemos tentar compreender os memes e suas referências, compreender este contexto das redes.

Enquanto **coesão**, opera uma relação de fabricação de sentidos e significados num inconsciente de máquinas (Deleuze, Guatarri, 2010), nas quais as operações de sínteses conjuntivas e disjuntivas incentivam experimentações formais com os memes. Ao contrário das relações de coerência, os memes digladiam entre si pela capacidade de serem lembrados mais do que os outros, facilitando assim sua

probabilidade de serem compartilhados e imitados. Como já dissemos, uma subjetividade que porta certos memes está mais ou menos suscetível a aceitar memes divergentes em suas bases, sejam epistemológicas, de conteúdo ou de expressão. Assim, 'dentro' de uma consciência, de uma subjetividade, os memes se relacionam entre si, se hibridizam, se anulam, oferecem tensões patológicas que reforçam impulsos sensíveis, e não somente significantes. Todo tipo de estratégia é válida, seja referenciando assuntos biológicos como sexo, comida e sobrevivência, seja se antenando nos últimos acontecimentos, servindo também de veículo de notícias. Não há limite para o conteúdo do meme uma vez que é sua estrutura significativa e expressão que determinarão a possibilidade de um meme ser replicado. Existem memes ruins, e existem memes bons. Assim, configura-se um mecanismo de seleção destes memes e que fornece maior ou menor visibilidade para tais informações, como páginas no Instagram. E pela dinâmica do fluxo de informação, os memes chegam até nós através de amigos, pelo *feed* das redes sociais, por notificações a todo momento. Criamos mecanismos que favorecem a disseminação deste tipo de conteúdo fluidamente. Mesmo se um sujeito nada fizer, os memes chegarão até ele. Não há como fugir dos memes mais, eles dominaram não só a comunicação, mas oferecem novas possibilidades ao pensamento. Pensar por memes significa pensar nos modelos de uma ideografia dinâmica, pensamento metonímico e veloz que permite ao sujeito acompanhar o fluxo de informação extenso e intenso dos dias atuais. Mas, ao mesmo tempo, eleva o sujeito à superfície dos acontecimentos e, portanto, não permite aprofundamento. A estas incursões, reservamos ainda os materiais textuais densos e longos. Ou seja: a tendência, neste

fluxo, é que se eliminem as formas menos ágeis de pensamento em detrimento de um pensar o agora. O *dasein* de Heidegger toma forma nesta proposição: situar-se no mundo, hoje, é situar-se perante os memes que fluem pelos canais de informação e seus respectivos acontecimentos.

A tensão que se estabelece entre os dois polos, e permite a existência continuada dos memes, é que enquanto se operam involuções formais, experimentações abstratas de sentido, forma e conteúdo, se opera uma seleção nas comunicações, determinando a taxa de contágio de um meme. Assim, os memes se criam (Deleuze, 1999), no sentido de que se fabricam novas existências a partir de uma conjunção de procedimentos que conferem expressão e conteúdo. Normalmente se cria em individualidades, mas é possível criar em conjunto, na medida em que as tensões entre as subjetividades e seus memes permitem que se criem, em tempo real, novas formalizações de conteúdos e expressões. E por fim, conforme estas existências se enfrentam pela sua replicação desenfreada, nós consumimos tais informações e as replicamos sem muito juízo de valor. E isso contribui para uma superpopulação de informações em rede. Não há mais estruturas fixas pelas quais os memes se atualizam, mas sim organizações mutantes numa esfera informacional, a qual derivamos infinitamente em percursos quase cegos. Somos levados pelo montante de informação, levados a acreditar em um mundo no qual as informações verdadeiras são as de maior circulação. Em regimes de verdade como este, é muito fácil não saber mais o que de fato corresponde à realidade. Criou-se uma hiperrealidade e lá habitamos, ludibriados por um fluxo infinito de novidades. Assim, encontrar uma unidade discreta implica em reconhecer sua dependência

holográfica em relação a todo um rizoma significativo que se constrói sobre as redes digitais, os inconscientes subjetivos e as comunicações operando em todo lugar a todo momento. Isolar um recorte disso implica em reconhecer inevitavelmente que há um contracampo. Esta é a diferença central que impede a comparação mais básica entre memes e genes: ontologicamente, genes são estruturas autossuficientes em sua materialidade, enquanto os memes dependem de uma estrutura complexa, também necessária para a sobrevivência humana, de comunicações e significações. Dito isso, a memética não opera incoerência em relação a sua visão de mundo, fornecendo uma epistemologia que permite compreender a esfera significativa digital da humanidade.

A função primordial deirmos em defesa de uma tal teoria é que ela nos permite entender as ideias como sujeitas delas mesmas. Emancipar um conceito de evolução das ideias permite então dizer que a própria memética surge num contexto pós-industrial, fruto de desenvolvimentos científicos e epistemológicos que nos forneceram memes que nos falem sobre os próprios memes. Estamos gerando saber sobre o saber. Ainda, permite ter uma visão holística, expandindo uma epistemologia cultural para uma percepção da cultura como constituinte e fruto da interação entre sistemas de diversas escalas.

[...] ver e falar, ou seja, os visíveis e os enunciáveis constituem o que ele [Foucault] chama “um saber”. O saber é sempre o efetuar a não-relação entre o visível e o enunciável, é combinar o visível e o enunciável, é operar as capturas mútuas do visível e do enunciável. E há o problema da verdade. Vocês notarão que eu defini da mesma maneira arquivo, audiovisual, formação histórica, combinação de visível e enunciável, e saber. Pois, para Foucault, não há nada sob o saber. Tudo é um saber. Tudo é saber. Não há experiência anterior ao saber. Eis a sua ruptura com a fenomenologia. Não há, como dizia Merleau-Ponty, uma “experiência selvagem”, não há o vivido [*vécu*], ou melhor, o vivido

já é um saber. Nem todo saber é uma ciência, mas não há nada sob o saber. [...] Neste sentido, o visível remete a um processo [*processus*], nós vimos, o enunciável remete a um método [*procédé*]. Combinar processo e método dá lugar a um procedimento [*procédure*]. O saber é procedimento. A verdade não existe independentemente do procedimento e o procedimento é a combinação do processo do visível com o método enunciativo. (Deleuze, 2017, p 37-38).

Extrapolando o pensamento de Foucault, na leitura de Deleuze, de um saber analógico, arqueológico, em direção a um saber digital e rizomático, a própria noção de verdade se desmantela. Como vimos, os procedimentos, reunião de processos e métodos, visibilidades e enunciados, constitui algo que se sabe. A tecnoimagem se apropria desta mesma noção, distorcendo-a em detrimento de fluxos irrestritos. A informação com pouca verdade, em métodos analógicos de impressão e carregamento de livros, tinha pouca chance de superar informações amplamente difundidas e referendadas na comunidade científica. Assim, a epistemologia pré-digital, neste sentido, via um mundo a partir de uma ótica histórica. Hoje, numa pós-história, o saber é lateral, e não profundo. Ele se ramifica em milhares de outros saberes, em um hipertexto gigantesco. As verdades se validam pela coerência entre as informações, e não mais entre a duração de regimes de verdades. Assim, o saber contemporâneo é liquefeito, acelerado e raso. Apenas uma fina camada de conhecimento é o suficiente para embasar uma visão de mundo.

Nestes casos, a memética, enquanto ciência que lida com os fluxos de informação e de estruturas significantes, será responsável pelo entendimento semiótico e evolutivo das formas de conhecimento e comunicação em tempos de internet. Uma antropologia digital, como define Pierre Levy, se amparando em tecnologias e uma história da humanidade, suas formas ao longo do tempo, não só é

incapaz de significar o *nonsense* dos memes atuais, mas também é incapaz de apontar o domínio da informação sobre a consciência. Neste sentido, o que pretendemos aqui não é apontar e regimentar a memética, mas sim dissolver certas concepções errôneas e incongruências lógicas que impedem a sua verificação enquanto epistemologia.

3. Nosso Zeitgeist - O futuro das coisas

Assim, compreendendo um meme como esta estrutura significativa evolutiva altamente replicável – que em suas sucessivas replicações vai se alterando, sendo selecionado por diversos mecanismos sociais, culturais, subjetivos e geopolíticos, ou seja, uma verdadeira roleta russa, dando margem ao *nonsense* – e que invade nossa existência cultural, podemos tomar tal epistemologia para analisar duas páginas do Instagram que compartilham diversos memes produzidos pela comunidade. Recomendamos que o leitor acesse tais páginas (@meltedvideos e @saquinhodelixo) para conhecer o material em vídeo também, visto que se torna impossível alfinetá-lo por este meio. Navegue e tente compreender tais páginas e memes pelas coordenadas que apresentamos previamente. Tome este como uma tentativa de exploração antropológica do ciberespaço, uma geologia desta heterotopia.

Vamos começar com a @saquinhodelixo.

Figura 7. Apresentação da página no Instagram. Foto tirada em 05/08/2020.



Um *scroll* de 10 minutos pela página pode revelar padrões quase imperceptíveis. **O primeiro**, revela que todas as imagens são imagens da internet. (/●㉿●)/*:° ✨ ✨° ∴ * \ (●㉿● \) Isso significa que todas elas foram ou geradas ou transportadas para uma forma de existência em rede, na qual a própria imagem existe

somente através de bancos de dados e conexões entre processadores (computadores, celulares, relógios, geladeiras...). De tal forma, uma vez situada nas redes, a imagem é desapropriada de direitos legais, identidades ou nomes. Ela se transforma em material de remix. O procedimento é simples: basta acessar alguma ferramenta de busca (o Google não é a única) e introduzir no campo qualquer conjunto de palavras, ou até mesmo imagens. Isto acessará um grande acervo de imagens, já memetizadas, e outras, ainda “puras”. Basta, logo após se apropriar da imagem, transferindo-a para a sua unidade de armazenamento, modificá-la por uma plataforma *online* ou *offline*, seja @photoshop, seja @memegenerator.

E assim estas imagens são produzidas nos mais diversos contextos. Imagens de amigos modificadas, imagens aleatórias da internet que são apropriadas, humores simiescos que evidenciam uma nova humanidade, ciborgue, metodológica. Para produzir memes precisamos de tecnologias e procedimentos tecnológicos. Produzir memes significa se comunicar. Todos ansiamos por nos comunicarmos, sermos ouvidos, termos a atenção das pessoas. Em um mundo repleto de estímulos e informações, conseguir atenção é sinônimo de realização pessoal. Assim, todos produzem memes, de maior ou menor qualidade. Ter um meme em umas das duas páginas supracitadas, agrega valor à uma subjetividade. E seguidores para seu avatar. Assim, tais imagens são feitas para serem compartilhadas. Nenhum meme é feito para ficar guardado em um HD.

Não existe padrão óbvio para tais imagens: os motivos são dos mais diversos.

Propagandas, imagens de animais, imagens esdrúxulas de diversos *Stock Photos*⁴¹ como o *Shutterstock*, *iStock*, *Freepic*... São imagens que são desapropriadas de seus contextos originais para serem realocadas. Tome como exemplo o seguinte meme:

Figura 8. meme da página @saquinhodelixo, postada no dia 17/07/2020.



São quatro imagens colocadas lado a lado. A do canto superior esquerdo e inferior direito são da cantora Björk, as outras, da Chiquinha, personagem da série mexicana *Chaves*. A palheta de cores das quatro imagens remete ao filme francês *Amelie Poulain*. Assim, o humor de tal imagem não se faz somente do contraste entre

⁴¹ Sites que armazenam imagens, geralmente licenciadas, para diversos usos. É um dos ramos principais da indústria da Fotografia.

as próprias imagens, mas sim entre a descrição, que já referência ao filme, e à localização, na parte superior da imagem: outra dimensão. Fruto da noção de infinitas linhas do tempo e realidades paralelas, o humor se encontra na tensão entre todos estes elementos. A possibilidade de que na interseção entre realidades paralelas, Björk, Chiquinha e Amelie Poulain constituem a “mesma” imagem. São as semelhanças, reforçadas pelas diferenças gritantes, que causa o humor observado na imagem. E ele dificilmente é traduzível em palavras, o meme é autossuficiente em sua significância. Assim, como já mencionamos, há necessidade de reconhecer as referências que o meme faz ao conjunto cultural do qual ele parte e é forjado. Todos estes materiais culturais são de amplo conhecimento nas redes. Assim, quem não frequenta o ciberespaço suficientemente, não compreenderá o meme. **Segunda característica: há de se habitar o ciberespaço e seus fluxos de informação para compreender os novos movimentos e novos memes que surgem.**

Já desvendamos o contexto da pandemia, evidenciamos o mundo perverso estruturalmente, um sofrimento psíquico generalizado. Cobrimos o macro, e os memes nos permitirão analisar a esfera molecular, subjetiva. Retornamos ao começo: como se produzem tais memes?

A página funciona como uma fonte de indexação de imagens geradas instantaneamente por usuários das tecnologias. São imagens redescobertas de acervos antigos, arquivos de sites já desutilizados. Remix estrutural, ressignificação. Há uma variedade tremenda de fontes pelas quais as imagens podem ressurgir, ou surgir. É impressionante como se formulam novas estruturas significantes, novas tecnoimagens pela simples utilização total da interface para produção de humor.

Descrição, localização, o próprio perfil da página, tudo é instrumento de desvio. Pensando um humor que, em relação com as leis e os códigos, desvia-se do padrão não por linhas precursoras, mas pela inauguração de linhas de fuga: novas experimentações inusitadas tanto em forma quanto em conteúdo. O humor não se faz segundo pressupostos fixos ou minimamente acordados coletivamente. Seguindo a lógica do *Clown* (Kasper, 2009), “Enuncia-se novamente o modo de operar do clown através da metamorfose, e também como o clown é jogado pelo jogo, sendo o próprio jogo que transforma um jogo em outro, num fluxo sem fim”. O *modus operandi* do Clown é, por si, desviante na medida em que o estranhamento em relação ao habitual permite que se evoque o humor em primeiridade. Primeiridade em relação aos modelos de funcionamento, regras, normas. Brincar de clown é nunca dizer não, lógica do improvisado: sim, e... Desviar, mas ainda assim jogar as mesmas regras do jogo. Os memes, neste sentido, se desviam de um retrato fidedigno da realidade, herança história da câmera fotográfica, para criar novas realidades, as quais se contrastam com o cotidiano: memes de uma hiperrealidade.

Assim diz Deleuze do humor. Para ele, o humor é uma forma de pensar e uma forma de relacionar-se com a lei. Assim como a lei torna o tirano possível, o humor revira a lei “pelo excesso de zelo”, pelo “aprofundamento das consequências”, tomando-a ao pé da letra. Diante de uma regra proposta, ou de um jogo proposto, revira-se a regra levando-a às últimas consequências. Não se questiona o que é proposto barrando, mas trai-se o jogo jogando, aplicando suas regras, levando-as ao extremo, ao absurdo. (Kasper, 2009).

Neste sentido, o humor dos memes meramente desafia o estado de coisas pela não coerência entre meme e realidade, nos princípios mais básico dos procedimentos. Joga-se às mesmas regras das imagens tradicionais, mas com um “*duplo Twist Carpado*”, o jogo das imagens técnicas se transforma no jogo do

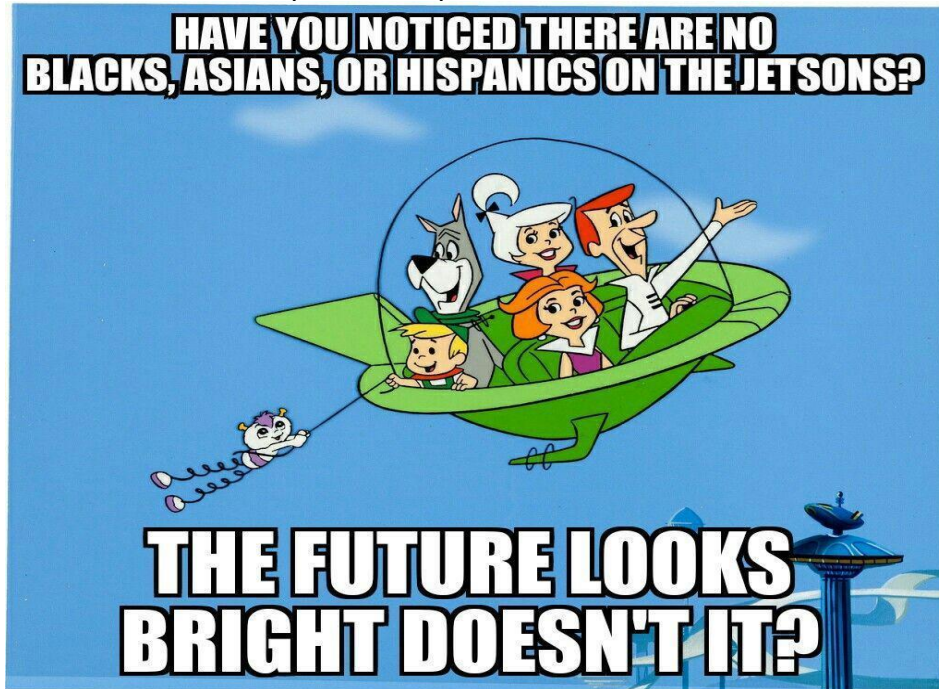
nonsense, de memes que visam levar as regras ao limite: absurdidade da realidade como material de meme. Não existe sequer uma organização política entre os memes: eles interagem desenfreadamente, trocando partes, perdendo outras, se aperfeiçoando. O humor, seco e ressonante com os aspectos intrasubjetivos, é a condição básica para que um meme possa se replicar. De certa forma, os memes oferecem uma ferramenta para o próprio humor evoluir patafisicamente.

A internet é o experimento mais “democrático” já realizado. As aspas correspondem ao limite do código que os usuários não conseguem ultrapassar. A caoticidade que isso inaugura enquanto ambiente seletivo para as diferenças que surgem nos memes diz que somente aquilo que corresponde singularmente, ou seja, a somente um ponto de uma realidade sensível, podem prevalecer. Os memes tomam conta de signos habituais, procedimentos rotineiros que a maior parte de uma população realiza, e transforma isto como a única conexão entre aquela tecnoimagem e a realidade do sujeito. *Sad memes* correspondem aos memes que fazem valer o ‘rir para não chorar’. “Por trás de cada meme há um jovem triste tentando fazer você feliz”. A tristeza, forma de expressão da opressão sistêmica a qual os indivíduos são sujeitos, é transformada e catalisada em memes que geram humor. E a felicidade, enquanto conquista máxima de uma civilização ocidental neoliberal (Harari, 2016), produz endorfina a qualquer custo. E transformar a tristeza em combustível de felicidade implica que o relativismo *nonsense* presente dos memes é a interface que permite que o *pathos* se transforme. **Essa é a realidade dos memes: consomem as sensações do sujeito e as convertem em imagens técnicas, o que implica que a própria forma pela qual o sujeito sente é definida pela estrutura linguística**

dos memes.

Tão logo desvendamos tal padrão, somos imediatamente opostos pela ontologia da máquina de guerra, que, longe de ser dialética, é biunívoca. Se os memes revelam o espírito de nossa época, somos induzidos a pensar que até mesmo isso pode ser forjado tecnicamente. Análises diversas e recentes sobre a máquina do ódio, instaladas no planalto, revelam que muito conteúdo produzido e disseminado em rede por WhatsApp foi projetado morfologicamente para corresponder a certos significados. A mesa de café da manhã, o pão com leite condensado, a humildade, gente como a gente... o homem mediano. Era tudo *fake*. Somos, portanto, *fakes*? Tomando o avatar como corpo digital que frequentamos nestas heterotopias ultra-*hightech*, ele próprio é fruto de procedimentos tecnológicos que vinculam um endereço na web a uma imagem, um nome, dados pessoais, fatos sobre um sujeito. Tudo isso são informações que, compiladas, constituem um corpo. Corpos impossíveis circulam em rede, produzindo realidades absurdas, o que demanda do sujeito uma existência mirabolante. Os memes correspondem, neste sentido, a expressão completamente esvaziada de um sujeito codificado. São expressões do desespero sistêmico que assolam o inconsciente coletivo sob o slogan T.I.N.A. Os memes conferem, assim, valor à existência. Viver acontecimentos que possam ser convertidos em memes. A existência se transforma em material de meme. O meme é a realização característica das formas de comunicação de uma cultura ocidental e digital. Mais do que isso, são a expressão de desespero sobre a vida: é esta a vida que tanto projetamos viver? Esta é a realização de um projeto de vida moderna? Reafirmada pelos *Jetsons*? Estes que, hoje, não passam de material de meme.

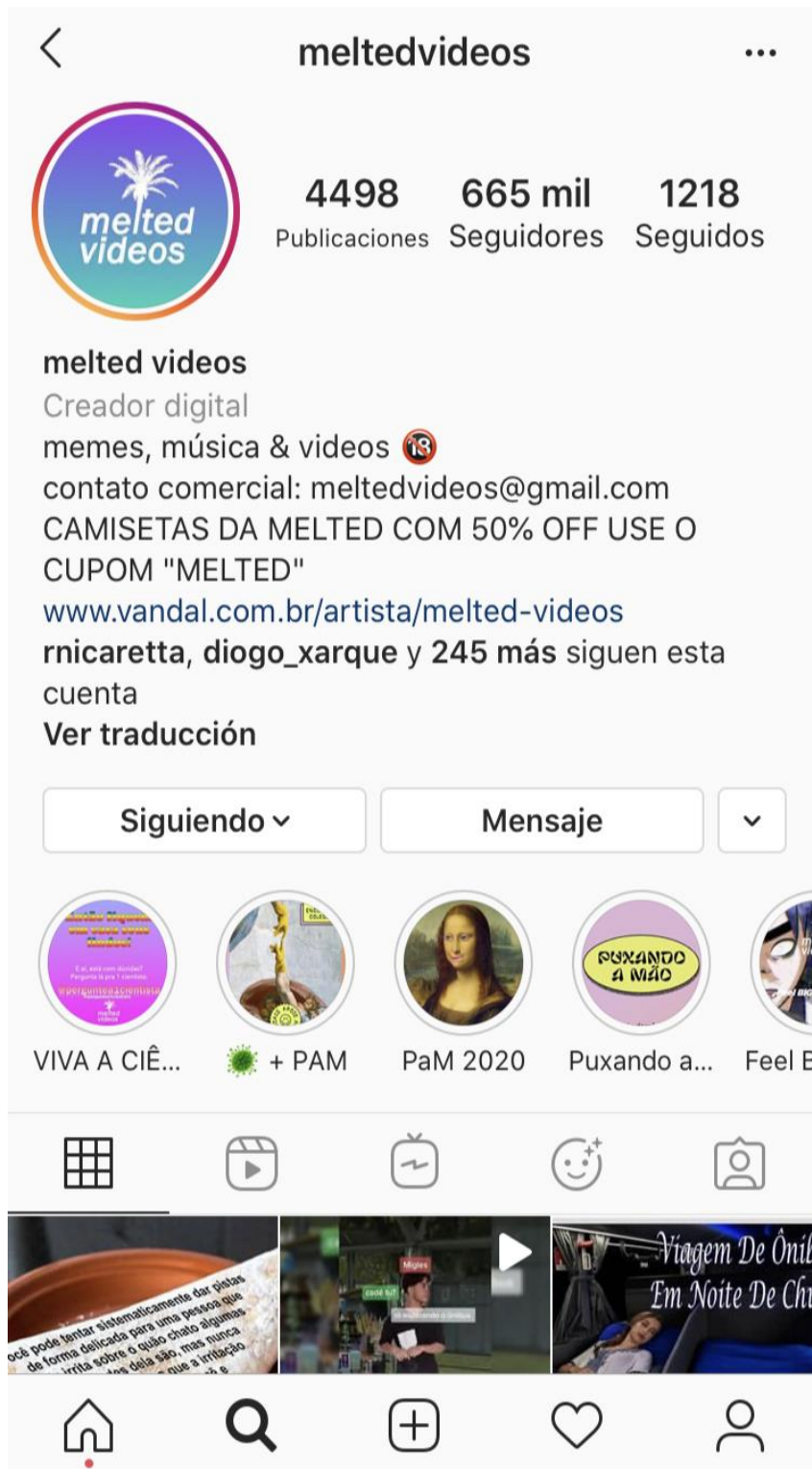
Figura 9. O primeiro resultado a uma pesquisa no Google "meme jetsons". Na imagem: "Você já percebeu que não existem pretos, asiáticos ou hispânicos nos Jetsons? O futuro parece tão promissão, não?"



Não nos reservaremos a identificar padrões nas apresentações imagéticas das páginas, pois este não é o propósito deste artigo. Antes, identificar que entre as duas maiores páginas de compartilhamento de memes no Instagram, o modelo sádico persiste: se reforça a infelicidade e a depressão como estados generalizados na população (Pelbart, 2020). **Normalizou-se um estado de desgaste da própria vida e os memes nos revelam que sim, isso é verdade. Desgastou-se através da linguagem, da tecnologia, do desejo de ser moderno.** Critica-se a felicidade que deveríamos ter em um mundo constantemente em progresso. E somos constantemente alimentados com este tipo de informação complacente, a ponto de que vivemos em um espetáculo (Debord, 2000) transmitido por memes.

Basta observar, em linha do tempo, que desde o começo do ano, os memes replicavam informações dos veículos de notícias, acontecimentos geopolíticos determinando a seleção dos memes. Quando se notifica a pandemia, o uso de máscaras, o confinamento da população, todos estes acontecimentos são registrados em memes pela ótica do sujeito cidadão. O vapor borrando as lentes dos óculos quando usamos máscara, o confinamento impedindo o sexo, a masturbação como alternativa. Os pensamentos intrasubjetivos ressoam com tais informações, e temos a sensação de que estamos todos no mesmo barco. **Sentimos, todos, os mesmos memes.**

Figura 10. Apresentação da página no Instagram. Foto tirada em 05/08/2020.



E no meio das felicidades efêmeras que o humor tragicômico dos memes oferece ao espectador, criam-se mercados. @meltedvideos consegue criar uma loja e fazer dinheiro sobre sua marca. Há uma identidade, um nome, outro trabalho de criação de página. @saquinhodelixo é uma estética escatológica, feia, produzida por usuários de pouco conhecimento tecnológico, pouco esforço. Os memes se tornaram parte essencial de nossa humanidade, a tal ponto que, hoje, o apontamento mais seguro seria pensar o futuro por memes. Pensar segundo esta lógica patafísica implica em pensar linhas de fuga deste modelo de comunicação que persistiu até o início deste século. A internet alterou completamente a forma como nos comunicamos. Pensar novas propostas *nonsense* implica em pensar novos futuros. Se pensamos, normalmente, por imagens e texto, pensando cientificamente o código das imagens por textos lineares, a história é consequência de eventos. Pensar tecnologicamente é pensar a pós-história (Flusser, 2011) no sentido de pensar um depois por outros modelos. Não mais uma sucessão de acontecimentos de uma distopia que vivemos, mas sim possibilidades novas em direção a outros futuros, e, para estes, que sejam traçados novos caminhos, em outras direções.

A ideia de pensar por memes implica pensar segundo uma visão de mundo metonímica e por conseguinte pensar grande. Pensar metaforicamente o todo por signos implica que talvez seja necessário migrar o pensamento científico para que a magia da imagem adentre no pensamento positivista, resgatando o espírito que os memes denunciam que já não possuímos mais. Nosso *zeitgeist* é complexo, é multiplicatório e é carregado de uma história perversa. Os memes nos apontam novas formas de pensar a realidade pela lógica do acontecimento: uma pedagogia por

memes. Ensinar sobre opressão através de memes produzidos pelos oprimidos. São apontamentos possíveis desta nova linguagem ainda em exploração. De certo, os memes estão desenfreadamente apontando suas próprias finalidades: altíssima replicabilidade de informações que não constroem futuros, somente material de consumo audiovisual. Este é o *looping* que os memes entraram: não importa sobre o que, desde que se fabriquem memes. Para o bem ou mal, estamos inundados de memes. Cabe a nós tomar as rédeas deste processo de evolução cultural para recentralizar as finalidades na vida, no social e na produção de subjetividades saudáveis. Caso nada seja feito, esta forma de comunicação pode se desenvolver em algo incontrolável. A informação dominando o pensamento.

Aqui aponta-se um novo paradigma de uma cultura digital, na qual as subjetividades se colocam nas redes 'de corpo e alma', sendo transformados em avatares que integram o *big data*. Processados por algoritmos, não resta nada de humano nestes avatares que corporificamos. Este é o dilema que os memes nos apresentam: qual o conteúdo que devemos inserir nestas fórmulas patéticas? Quais são os rumos de nossa evolução cultural?

Conclusões

Pudemos observar que o pensamento cultural ainda precisa se desenvolver para poder abranger novas questões que os memes trazem, como uma encruzilhada conceitual que se opera entre um processo evolutivo que adquire consistência por cópias imperfeitas, e a capacidade técnica de realizar cópias perfeitas: a evolução migrou da imitação cultural para a fabricação criativa de memes? Nossos apontamentos nos levam a considerar que a própria dinâmica da sociedade da

informação demanda produção de conteúdo novo o tempo todo, na medida em que o tempo passa e o consumo não pode ser colocado incessantemente sobre o mesmo material de fruição. Assim, demanda-se socialmente que a evolução dos memes, dentro de um mercado digital de informações do qual todos somos consumidores, esteja presente e eficiente.

A perspectiva do que é um meme compreende o pensamento sobre o próprio pensar, na medida em que ontologicamente o meme não possui estatuto fixo, regimento formal ou de consistência que permita afixar o entendimento do que é e como se apresenta um meme. Por tal procedimento, concluímos que a única maneira de identificar um meme seria segundo seus modos de produção: sua fabricação, sua utilização, seus contextos. Compreendemos que os memes designam unidades culturais, e que a própria cultura não possui forma ou padrão, a tal ponto que a apreensão de um recorte ao qual designamos enquanto unidade discreta corresponde a um conjunto holográfico de informações hipertextuais que se interligam numa rede complexa do saber humano.

Levando em consideração que encontramos numa fórmula patética a estrutura significativa do meme, podemos compreender que a produção de memes é índice do imaginário coletivo, emergências daquilo que pensamos. Para que um meme consiga chegar em páginas como @saquinhodelixo ou @meltedvideos, exige-se uma ressonância patológica acima da curva média, para que a maioria das pessoas sinta aquele meme. Compreender algo, neste sentido, é compreender o contexto cultural que valida o significado, e, portanto, permite que o próprio entendimento de mundo do sujeito esteja culturalmente inserido no mundo que os outros habitam pelos

memes que compartilham. Os memes configuram a realidade cultural do sujeito contemporâneo.



Primera revista digital
en Iberoamérica
especializada en Comunicación



Esta obra está bajo licencia internacional
Creative Commons Reconocimiento 4.0



e-ISSN 1605-4806
Vol. 24, nº. 108, mayo-agosto 2020



Referências

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. Editora Relógio d'Água.
- Bauman, Z. (2017). *Retrotopia*. Zahar.
- Beiguelman, G. Coronavida: o pós-pandêmico é agora. Texto publicado pela pandemia crítica, *da N-1 Edições*, 2020. Disponível em: <https://n1edicoes.org/086>.
- Bergson, H. (1999). *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, 2ª ed. Martins Fontes.
- Blackmore, S. (1999). *The meme machine*. Oxford Press.
- Blackmore, S. Evolution and memes: the human brain as a selective imitation device, *Cybernetics and Systems: An International Journal*, 2010. 32:1-2, 225-255, DOI: 10.1080/019697201300001867
- Debord, G. (2000). *Sociedade do espetáculo*. Contraponto.
- Deleuze, G. (2000). *Diferença e Repetição*. Relógio d'Água.
- Deleuze, G. O ato de criação. Palestra proferida em Paris em 1987, transcrita e publicada em Folha de São Paulo, 27 Jun 1999, *Caderno Mais!*, p. 4-5.
- Deleuze, G., Guatarri, F. (1995). *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Ed.34.
- Deleuze, G., Guatarri, F. (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* vol 1. Ed. 34.
- Flusser, V. (2002). *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Relume Dumará.
- Flusser, V. (2007). *O mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Cosac Naify.
- Flusser, V. (2011). *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. AnnaBlume.
- Flusser, V. Para além das máquinas. Tradução por Gustavo Bernardo, do artigo 'Más allá de las máquinas', do livro *Los Gestos*. Barcelona: Herder, 1994, versão espanhola do livro de Villém Flusser *Gesten*. Dusseldorf. Bollmann, 1991. Também disponível em: http://www.geocities.ws/vilemflusser_bodenlos/textos/PARAALMDASMAQU

[INAS.pdf. Acceso em 28/07/2020.](#)

Guattari, F. (1990). *As três ecologias*. Papyrus.

Harari, Y. (2016). *Homo Deus – uma breve história do amanhã*. Companhia das letras.

Kasper, K. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? *Pro-Posições*, v. 20, n. 3 (60), p. 199-213, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a13.pdf>.

Lévy, P. (1991). *A Ideografia Dinâmica*. Loyola.

Mbembe, A. O direito universal à respiração. Texto publicado pela pandemia crítica, da N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/134>

Pelbart, P. (2020). **Espectros da catástrofe**. Texto publicado pela pandemia crítica, da N-1 Edições.

Pignatari, D. (1981). *Informação, Linguagem, Comunicação*. Editora Cultrix.

Teixeira, F. Aby Warburg e a pós-vida das Pathosformeln antigas. História da historiografia - ouro preto - número 05 – setembro/2010. p. 134-147. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/171>

Velikovsky, J. (2018). The Holon/Parton Structure of the Meme, or The Unit of Culture. In: *Encyclopedia of Information Science and Technology*, Fourth Edition. IGI Global.